

VIII Simpósio Nacional de História Cultural
**MEMÓRIA INDIVIDUAL, MEMÓRIA COLETIVA E HISTÓRIA
CULTURAL**

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Araguaína - TO

14 a 18 de Novembro de 2016

**OS MISSIONÁRIOS CATÓLICOS ORIONITAS, OS SERTÕES E OS
SERTANEJOS NO EXTREMO NORTE GOIANO: CATOLICIZAÇÃO,
REPRESENTAÇÕES E MEMÓRIA – 1952-1980***

Raylinn Barros da Silva**

O objetivo dessa pesquisa é historicizar, refletir e explicar a presença, desde a década de 1950 até os anos 1980, no antigo extremo norte de Goiás na época, hoje norte do Estado do Tocantins, de um grupo de missionários católicos, mais conhecidos como orionitas. Eles estabeleceram-se naquela região e lá construíram igrejas, fundaram escolas e hospitais. A presença daqueles missionários orionitas na região aqui estudada é tão visível que eles ocupam um lugar de destaque na organização das instituições daquela sociedade, desde a creche à universidade, do trabalho de acolhida, de assistência aos idosos até o hospital, da formação de movimentos religiosos leigos às principais igrejas da região.

Nesse sentido, objetivamos entender a presença desses missionários naquela região buscando identificar a relação entre o trabalho que eles desenvolveram e o que pode ter levado, a nosso ver, o processo de consolidação do catolicismo na região aqui estudada. Nosso caminho no sentido de transformar nossa proposta de pesquisa em um

* Pesquisa com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico – CNPq – Brasil.

** Graduado e Especialista em História pela UFT – Universidade Federal do Tocantins. Mestrando em História pela UFG – Universidade Federal de Goiás, campus Goiânia.

problema efetivo nos conduziu a um questionamento central: como os missionários orionitas consolidaram o catolicismo na região do antigo extremo norte goiano? Assim, a partir desse problema colocado, buscamos perseguir essa inquietação no transcorrer de nossa pesquisa agora apresentada para reflexão de nossos pares nesse seminário de pesquisa.

Dividimos nossa investigação em quatro momentos. No primeiro momento propomos uma reflexão acerca do que ficou conhecido como o extremo norte goiano – região que atualmente pertence ao norte tocantinense – e a relação desse espaço social com as ações desse grupo de religiosos orionitas. Esses missionários foram para aquela região do país na metade do século XX e lá iniciaram seus trabalhos de evangelização sob a égide do catolicismo romano.

Será possível perceber em nossas análises como aquele espaço social – o extremo norte de Goiás – na década de 1950 apresentava um quadro religioso, social, econômico e político específico do interior do Brasil, no que denominamos de sertão. Aquele ambiente, naquela época, estava sob os cuidados esporádicos da ordem dominicana. Naquele ano, 1952, ocorreu a transição religiosa dos dominicanos para os orionitas naquela região.

Ainda nesse primeiro momento, buscaremos refletir o que consideramos ser os êxitos e as dificuldades que aqueles missionários orionitas vivenciaram para estabelecer seus projetos para aquele espaço social. Como será possível perceber, não foi um trabalho fácil para aqueles religiosos. Enormes dificuldades eles encontraram, mas também alguns êxitos contribuíram para a efetivação daquele projeto religioso.

As fontes que nos servirão de base para a nossa reflexão nesse primeiro momento de nossa pesquisa consistirão, basicamente, em duas: primeiro, o livro *Entre Diamantes e Cristais: Cenas Vividas Pelos Missionários de Dom Orione Nas Matas do Norte de Goiás*, obra de memória do missionário orionita, o italiano Quinto Tonini, segundo, *Médicos, Padres, Sertões: o Norte de Goiás no Relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna e nas Narrativas dos Seus Interlocutores Goianos (1916-1959)*, trabalho acadêmico fruto da tese de doutorado da historiadora Vera Lúcia Caixeta, onde no último capítulo de sua narrativa, se dedicou a compreender parte das ações dos missionários orionitas naquele espaço social, abordagem que na ótica de Caixeta, estava mais voltada para a contribuição daqueles religiosos para o que se denominou chamar de “saneamento dos sertões”.

Sobre as referências que estão norteando nossa reflexão teórico-metodológica nesse momento, estamos dialogando com os referenciais que abordam as pesquisas no âmbito da História Regional. Assim, antes de refletirmos sobre a região do extremo norte goiano no contexto que antecede à chegada dos primeiros missionários orionitas no início da década de 1950, consideramos importante localizarmos nossa abordagem a partir dessa perspectiva de pesquisa. De início, sabemos que é comum os trabalhos denominados de história regional serem constantemente questionados pelo fato de que toda pesquisa aborda determinado espaço. Daí todas as pesquisas serem regionais, não necessitando, nesse caso, a preocupação de enfatizar a questão da metodologia.

É importante lembrar que após os anos 1970, ampliaram-se as discussões sobre abordagens e enfoques na pesquisa em história. Acreditamos que quando falamos em história regional, estamos enfatizando a necessidade de pesquisarmos espaços e contextos que geralmente ficam esquecidos, sendo valorizados somente aspectos históricos nacionais ou temas já consagrados. Nesse sentido, a história regional vai estudar o contexto histórico de determinado espaço, tomando-o como delimitação para o objeto de estudo. Assim, conforme o historiador José D'assunção Barros na obra *O Campo da História: Especialidades e Abordagens*, quanto ao trabalho com a história regional, diz que:

Quando um historiador se propõe a trabalhar dentro do âmbito da história regional, ele mostra-se interessado em estudar diretamente uma região específica. O espaço regional, é importante destacar, não estará necessariamente associado a um recorte administrativo ou geográfico, podendo se referir a um recorte antropológico, a um recorte cultural, ou a qualquer outro recorte proposto pelo historiador de acordo com o problema histórico que irá examinar (BARROS, 2004, p.152).

Essa associação que faz Barros da história regional não necessariamente a um recorte geográfico/administrativo, mas também ao que ele chama de “recorte antropológico, cultural” entre outros, nos serve de justificativa, pois no caso da nossa pesquisa que buscou localizar os missionários orionitas na região do antigo extremo norte goiano, nossa preocupação tá além de uma questão geográfica, mas no âmbito de um recorte cultural e acima de tudo, religioso. A nossa representação, como veremos, está na relação da formação de uma cultura religiosa que parece ter nos missionários orionitas o seu elemento fundador.

Ainda sobre a localização de nossa análise no âmbito de estudo da história regional, acreditamos que os trabalhos regionais são justificados, também, porque os estudos nacionais ressaltam entre outras coisas as semelhanças e, o estudo regional trabalha primordialmente com as diferenças. Nesse sentido, essa abordagem nos possibilita trabalhar aspectos que não seriam percebidos no contexto maior. Dessa forma, conforme o historiador Aldieris Braz Amorim Caprini no artigo *Pesquisa em História Regional: Aspectos Conceituais e Metodológicos*, ao citar Silva, nos diz que:

O estudo regional oferece novas óticas de análise do estudo de cunho nacional, podendo apresentar todas as questões fundamentais da História (como os movimentos sociais, a ação do Estado, as atividades econômicas, a identidade cultural etc.) a partir de um ângulo de visão que faz aflorar o específico, o próprio, o particular. A historiografia nacional resalta as semelhanças, a regional lida com as diferenças, a multiplicidade. A historiografia regional tem ainda a capacidade de apresentar o concreto e o cotidiano, o ser humano historicamente determinado, de fazer a ponte entre o individual e o social (SILVA, 1990. p.13).

Assim como está na reflexão acima de Caprini, também acreditamos que as pesquisas de cunho regional, como a que resultou nessa nossa, oferece novas óticas de análise e de compreensão dos estudos de cunho nacional. Esse é, portanto, o ângulo dessa pesquisa: buscar entender as representações e ações de um grupo específico de pessoas – os orionitas – que no colocar em prática um projeto religioso católico, parece ter colocado em prática também outros, e como veremos mais adiante, projetos de natureza cultural, social, político e também saneador.

Nesse sentido, a abordagem da história regional do antigo extremo norte goiano e a localização dos missionários orionitas no seu projeto catolicizador tendo o povo daquela região como seus interlocutores, nos ajudará a entender como pode ter se forjado a cultura religiosa dos sertanejos, povo comum daquelas regiões, como também e porque não, a identidade cultural da região impactada pela presença daqueles religiosos a partir do início da década de 1950, momento da chegada dos primeiros missionários naquela região.

No segundo momento de nossa pesquisa, propomos uma reflexão acerca das representações construídas pelos missionários orionitas sobre aquele espaço social – extremo norte goiano – e o que eles se depararam naquele lugar durante as missões religiosas colocadas a cabo por eles a partir dos anos 1952. Será possível refletirmos sobre

as viagens missionárias realizadas por aqueles religiosos, a atuação naqueles sertões e como eles se depararam com aqueles lugares e a partir daí, os representaram em suas narrativas.

Outro ponto que merece atenção nessa pesquisa se refere aos personagens que os missionários orionitas tiveram que lidar no seu cotidiano: os sertanejos daquela região, como também os protestantes com os quais travaram vários enfrentamentos, mas não só esses que os próprios orionitas designaram como “inimigos”, como também a associação maçônica daquela região e as várias superstições que chegaram, junto com os protestantes e a maçonaria, a disputar espaço com o discurso religioso dos orionitas.

Refletiremos ainda como os orionitas lidaram com a política e os políticos locais. Essa relação com os políticos/política local, julgamos interessante, pois ora os orionitas tiveram neles apoio em seus projetos, ora dificuldades encontraram nestes. Esses embates, portanto, revelam uma situação que os orionitas tiveram que contornar para o sucesso daquele projeto catolicizador. Abordaremos os momentos difíceis que esses religiosos enfrentaram, como por exemplo, a perda de cinco missionários em plena missão, o que pode ser considerado como verdadeiros traumas vividos por aqueles religiosos.

A fonte primordial problematizada nesse momento da pesquisa consiste na análise da obra já citada anteriormente: *Entre Diamantes e Cristais: Cenas Vividas Pelos Missionários de Dom Orione Nas Matas do Norte de Goiás*, obra de memória do missionário Quinto Tonini, principal fonte para a análise das missões orionitas naquela região do país naquele contexto histórico. Essa obra, consideramos, expressa de forma clara e robusta as representações construídas por aqueles missionários sobre o que ali eles viveram, enfrentaram e colocaram em prática.

O principal referencial teórico que nos guiará nessa tarefa de compreensão dessas narrativas construídas por aquele missionário, nesse segundo momento dessa pesquisa, serão as discussões acerca do conceito de representações/práticas do historiador francês Roger Chartier, sobretudo suas análises presentes na obra *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Sobre essa obra de Chartier, que nos parece representou, de fato, um “divisor de águas” nos estudos culturais, vale dizer, se divide em dois pontos que consideramos centrais: a ideia de representação e a de prática.

Sobre o debate em torno do conceito de representações para a História Cultural inaugurada por ele, podemos dizer, de forma bem resumida, que nela há um esforço no

que se refere ao questionamento sobre a ideia de fonte como testemunho da realidade. A fonte para ele passa a ser concebida com um mero instrumento de mediação entre o historiador e a realidade a ser problematizada. Assim, a partir das proposituras de Chartier, a realidade deveria ser analisada a partir das suas diversas representações e a partir daí, consideradas realidades de múltiplos sentidos. Já sobre a noção de práticas sociais, nem todas poderiam ser reduzidas à “representações”, pois essas possuiriam uma lógica autônoma de funcionamento no âmbito das formações culturais.

Mas porque elegemos essa problemática das representações/práticas de Roger Chartier para nos guiar em nossas reflexões sobre as narrativas construídas pelos missionários orionitas? A resposta é simples: Aqueles missionários ao se depararem com o espaço social do extremo norte goiano no início da década de 1950 e consequentemente seus elementos, – os sertanejos, os católicos, os protestantes, os maçons, os que eles acusaram de supersticiosos, os políticos e, os traumas que eles missionários viveram – elaboraram uma representação própria deles (modos de ver) e a partir daí agiram para a implantação dos seus projetos para aqueles lugares (modos de fazer), ou seja, “modos de ver e de fazer”, conceitos chave da obra referenciada de Chartier.

Desse modo, para trabalhar os vários discursos que compõem essas narrativas dos missionários orionitas, nesse momento da pesquisa, e entender os meandros que ela desenha, foi necessária uma incursão nos estudos sobre representação, conceito esse que abrange o vasto campo interdisciplinar da ciência histórica. Nesse sentido, a noção de representação se tornou fundamental para a compreensão de práticas e transformações culturais e possibilitou incorporação dos sentimentos humanos ao campo de lutas dos interesses históricos, assim como defende Chartier:

A noção de ‘representação’ permite conciliar as imagens mentais claras (...) com os esquemas interiorizados, as categorias incorporadas, que as gerem e estruturam (...). Desta forma, pode pensar-se uma história cultural do social que tome por objecto a compreensão das formas e dos motivos – ou, por outras palavras, das representações do mundo social – que, à revelia dos actores sociais, traduzem as suas disposições e interesses objectivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como ela pensa como ela é, ou como gostaria que fosse (CHARTIER, 1990, p.19).

Como pode ser observado na reflexão acima de Chartier, as representações do mundo social, traduzem suas posições e interesses. Sabemos que Chartier entende a história e o mundo enquanto representações da realidade. Essas representações são,

portanto, para ele, vistas como imagens dos acontecimentos. Assim, sabemos que as representações quando confrontadas podem ser contraditórias, pois entendemos por representação, a forma como os indivíduos enxergam determinados fatos ou mesmo determinados processos históricos, ou seja, a forma como estes indivíduos representam os fatos e a partir de então, representam a si mesmos.

Ainda sobre essa relação entre a produção de representações e a sua relação com os interesses em jogo, Chartier ainda nos esclarece que:

As representações do mundo social assim constituídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupos que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com a posição de quem os utiliza (IBIDEM, p.17).

A partir da reflexão acima de Chartier, podemos justificar, ainda, nosso entendimento sobre a necessidade de teorizarmos as representações dos missionários orionitas sob essa ótica: a do interesse. Como veremos nessa parte da pesquisa, esses discursos narrativos que são representações daquele grupo específico: os orionitas foram representações construídas com um sentido determinado: justificar as práticas que faziam parte do projeto catolicizador daqueles religiosos para aqueles lugares.

Portanto, partimos dessa compreensão da necessidade de utilização desses estudos de Chartier, pois entendemos que as representações construídas pelos missionários orionitas sobre o extremo norte goiano e tudo o que lá eles viram, se depararam e enfrentaram foi e como veremos nessa pesquisa, representado de acordo com os interesses que eles tinham naquele momento histórico para aquela região: catolicizar aquela sociedade.

Acreditamos que aqueles missionários que ali estavam tinham um objetivo/sentido certo, e pensando assim, buscaremos acompanhar esse processo de produção de sentidos por parte daqueles missionários nos utilizando desses estudos da História Cultural, pois acreditamos, ainda, que ela nos ajuda a entender os: (...) *esquemas intelectuais, que criam as figuras graças às quais o presente pode adquirir sentido, o outro tornar-se inteligível e o espaço ser decifrado* (IBIDEM, p.17).

Este será, portanto, nosso objetivo nesse segundo momento: entender esse processo de produção de representações sobre aquele espaço social e, conseqüentemente,

acreditamos, o mesmo tornar-se-á para nós e ainda para os observadores dessa pesquisa, um pouco mais “inteligível” e “decifrado” para utilizar os termos do próprio Chartier.

No terceiro momento de nossa pesquisa, propomos uma discussão acerca das obras escritas dos missionários orionitas. Eles nos legaram alguns escritos onde, ao retratar as primeiras décadas das missões que eles colocaram em prática naquele extremo norte goiano, eles escreveram sobre eles mesmos, ou seja, uma representação deles próprios naquele espaço e contexto. Nessa parte da pesquisa, partimos dessa inquietação: Estaria de fato os orionitas, com esses escritos, uma narrativa sobre eles próprios, buscando a constituição de uma memória para aqueles sertões? Memória ligada a eles, como elementos fundadores da história daqueles lugares?

A partir dessa inquietação, as fontes que nos servirão de análise e problematização consiste em quatro, que consideramos fundamentais para a discussão em torno dessa problemática proposta nessa pesquisa. Trata-se da obra *Perfil de Dom Orione* de autoria do sacerdote orionita Giovanni Pattarello, a obra *Entre Diamantes e Cristais* de autoria do missionário orionita Quinto Tonini, a obra *Meandros da Verdade*, ex-freira orionita Teresinha Foli e por último, a obra *Silêncio Prudente* de autoria do também missionário orionita Remígio Corazza.

Vale destacar que essa nossa inquietação buscará ser respondida nas duas primeiras obras, a de Pattarello e a de Tonini. Nelas, buscaremos identificar o que pode ser um esforço daquelas narrativas em estabelecer uma memória, primeiro ligada à figura de Dom Orione que é apresentado como o modelo de conduta para aqueles religiosos missionários, conduta baseada no perfil de caridade e na pedagogia pelos pobres e, segundo, a efetivação desse modelo de conduta orionita no antigo extremo norte de Goiás, já no seio da missão orionita, então implantada sob o trabalho daqueles “filhos” de Dom Orione. O trabalho deles é então, cremos estrategicamente apresentado como sendo fruto de sacrifício, sofrimento, entrega, doação e heroísmo daqueles homens.

Já nas duas últimas obras escritas daqueles missionários, a de Teresinha e a de Corazza, exploraremos na escrita deles não mais o que seria um esforço para a constituição de uma memória para aqueles sertões, mas os bastidores daquelas missões. Nos escritos de Teresinha, cruzaremos suas narrativas e através de indícios, veremos como se desencadeou, naquelas primeiras décadas da missão orionita, uma verdadeira paixão entre aquela freira e o principal homem da missão: Tonini. Na última obra, de Corazza, exploraremos outro lado da missão orionita, o lado das intrigas internas que,

instaladas naquele contexto, influenciaram muito do que aconteceu inclusive os rumos da própria missão.

Ainda sobre as duas primeiras obras escritas, será possível perceber que os missionários orionitas objetivaram, com essas narrativas, registrar na memória daquele lugar os seus feitos, narrados como acontecimentos que estariam na base/formação daquela sociedade, tendo eles próprios como os agentes daquele processo de formação da história daqueles lugares. Partimos do princípio, que ao escrever sobre eles próprios, eles objetivaram não apenas deixar escrito para a posteridade sobre a missão orionita, mas, além disso, objetivaram inscreverem-se na memória daqueles lugares, como aqueles que pela coragem, trabalho e determinação, deveriam ser lembrados por aquela sociedade.

Nesse sentido, para a compreensão da problemática da memória, o referencial teórico que nos guiará nessa tarefa de buscarmos compreender, através da análise das obras escritas daqueles missionários, o que pode ser um esforço daqueles religiosos em estabelecer uma memória orionita para aqueles lugares, consistirá nas contribuições do filósofo francês Paul Ricoeur, atualmente um dos principais teóricos dos estudos de memória e suas relações com a história, análises presentes na obra *A Memória, A História, O Esquecimento*.

Nessa obra de Ricoeur, ele nos apresenta o seu conceito de *memória manipulada*. Assim, para uma melhor compreensão sobre o que seria e como se daria esse mecanismo de manipulação da memória, é preciso, primeiro, entender que essas manipulações se dão no campo das relações de poder. A partir do poder exercido e das relações de força a ele associados, versões tanto da memória quanto do esquecimento são construídos e forjados. É a memória instrumentalizada.

Assim, a partir desse conceito de memória manipulada de Ricoeur, resta nos indagarmos: Por que consideramos que os missionários orionitas buscaram manipular uma memória para aquele extremo norte goiano? Tendo eles próprios como os elementos fundadores daquela história? Porque acreditamos que ao escreverem sobre eles mesmos, legaram não apenas escritos em forma de narrativa, mas o que eles desejavam: a rememoração dos seus feitos. A partir das suas próprias histórias, nasceria uma “história oficial” daqueles lugares.

Sobre esse mecanismo de manipulação da memória, que se mostra na construção de narrativas que resultam em “histórias oficiais”, Ricoeur nos esclarece que:

A memória imposta está armada por uma história ela mesma “autorizada”, a história oficial, a história aprendida e celebrada publicamente. De fato, uma memória exercida é, no plano institucional, uma memória ensinada; a memorização forçada encontra-se assim arrolada em benefício da rememoração das peripécias da história comuns tidas como os acontecimentos fundadores da identidade comum (RICOUER, 2007, p.98).

Como reflete acima Ricouer, a memória é imposta quando ela se coloca como a história oficial que precisa ser aprendida e celebrada de forma pública. Sabemos que as obras de memória dos missionários orionitas são os únicos registros disponíveis sobre aquele processo de ocupação religiosa que se deu a partir do início dos anos 1950 naquele lugar. Essa completa “lacuna” de outras fontes para a problematização daquele processo faz daqueles escritos/narrativas orionitas a história oficial para aqueles acontecimentos. Dai acreditarmos que esse “privilegio” que os orionitas detêm, faz das suas obras escrito-narrativas, a história que segundo Ricouer, passa a ser celebrada publicamente, trazendo elementos que faz dos orionitas os “fundadores” da identidade daquela região.

Identidade, aliás, que é reclamada, segundo Ricouer, por essas mobilizações de memórias. Para ele, a mobilização de memórias está a serviço da demanda e da reivindicação de identidades comuns. Sabemos que as identidades se relacionam de modo conflitivo com o tempo. Assim, segundo Ricouer, se a identidade é o que define, devemos nos perguntar: como ela – identidade – se garante ao longo do tempo? Segundo ele, através dos mecanismos de manipulação da memória. Ela seria manipulada para expressar, construir e reivindicar as identidades e a própria memória, tudo fruto de processos ideológicos.

Processos ideológicos que acreditamos, fizeram parte tanto do processo de ocupação religiosa daquele espaço social quanto do que sobre aquela ocupação ficou registrado nas obras de memória dos orionitas: as suas narrativas. Sobre a função da narrativa nesses processos de manipulação da memória, Ricouer nos esclarece que:

A memória é incorporada à constituição da identidade por meio da função narrativa. A ideologização da memória torna-se possível pelos recursos de variação oferecidos pelo trabalho de configuração narrativa. E como os personagens da narrativa são postos na trama simultaneamente à história narrada, a configuração narrativa contribui para modelar a identidade dos protagonistas da ação ao mesmo tempo que os contornos da própria ação (IDEM).

Como observado acima, Ricouer nos chama a atenção para outro mecanismo de manipulação da memória que também influencia a constituição da identidade: a função da narrativa. A narrativa, ou seja, os escritos, no caso específico abordado nessa parte dessa pesquisa, as narrativas expressadas nas obras de memória dos missionários orionitas, também são frutos desses processos de ideologização da memória. Ele ainda nos chama atenção para a questão da configuração dessas narrativas. Configuração que se dá na “montagem” e “colocação” de cada personagem na narrativa. Para Ricouer, essas configurações da narrativa terminam por modelar a identidade dos personagens que passam a ocupar ou não a posição de protagonistas da ação.

A partir dessas reflexões de Ricouer, cremos que se deu a configuração das narrativas dos missionários orionitas, quando da produção de suas obras escritas de memória. Segundo nossa compreensão e como será possível perceber a seguir, nas duas primeiras análises, cada personagem foi estrategicamente colocado de forma que cada orionita, desde o seu fundador Dom Orione até os missionários que vieram para o extremo norte de Goiás, passaram a ocupar, naquela configuração narrativa, o papel de protagonista daquela história, cada um a seu modo e mediante o interesse de quem “assinou”, ou seja, o autor de cada narrativa.

Esse será, sobretudo nas considerações acerca das duas primeiras obras citadas – as de Tonini e Pattarello – o nosso objetivo central, entender o processo de constituição de uma memória orionita para aquele espaço social, processo que se deu mediante a construção, por parte dos orionitas, de narrativas sobre eles próprios, num processo ideológico de manipulação da memória para aqueles lugares, memória assentada neles próprios, como os elementos fundadores da história daquela região.

No quarto momento de nossa pesquisa, agora em fase de análise de fontes e cruzamento com os referenciais teóricos, iremos pensar a atuação dos missionários orionitas no campo da saúde, da educação e da fé. Ou seja, buscaremos analisar como eles atuaram no campo da saúde fundando hospitais, como estabeleceram uma educação orionita por meio da criação de várias escolas e como imprimiram uma “identidade” religiosa por intermédio da criação de associações religiosas de leigos e a consequente fundação de igrejas, sendo as principais da região, nascidas sob a “paternidade” orionita.

Nessa última parte da pesquisa, dialogaremos com os referenciais teórico-bibliográficos que abordam o papel da Igreja Católica na formação da sociedade ocidental, como a de Thomas Woods (2008) e as que pensam as contribuições do

catolicismo na formação da sociedade brasileira, como as obras de Riolando Azzi (2008), como também de Marlúcia Menezes de Paiva (2006). Mostraremos ainda nessa última parte da pesquisa, que em 1954, dois anos após a chegada daqueles missionários, a igreja daquela região e a missão orionita que lá estava, foram elevados, pelo Vaticano, à condição de prelazia católica e, em 1980, à condição de Diocese, fenômenos que para mim, endossa minha leitura de que eles não só buscaram como trabalharam e realizaram essa consolidação católica naquela região no recorte abordado nessa pesquisa agora apresentada para a reflexão dos pares nesse seminário de pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, José D' Assunção. O Campo da História: especialidades e abordagens. Petrópolis-RJ: Editora Vozes, 2004.

CAIXETA, Vera. Médicos, Padres, Sertões: o Norte de Goiás no Relatório de Arthur Neiva e Belisário Penna e nas Narrativas dos Seus Interlocutores Goianos (1916-1959). Tese de Doutorado. Faculdade de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro-UFRJ. Rio de Janeiro, 2011.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. Pesquisa em História Regional: aspectos conceituais e metodológicos. Artigo disponível na internet no endereço:

CHARTIER, Roger. A história cultural: entre práticas e representações. Tradução de Maria

Manuela Galhardo. Lisboa: Editora Difel, 1990.

CORAZZA, Remígio. Silêncio Prudente. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2000.

FOLI, Teresinha. Meandros da Verdade. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 2003.

PATTARELLO, Giovani. Perfil de Dom Orione. São Paulo: S/Editora, 1985.

RICOUER, Paul. A Memória, A História, o Esquecimento. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2007.

TONINI, Quinto. Entre Diamantes e Cristais: cenas vividas pelos missionários de Dom Orione nas matas do norte de Goiás. Fortaleza: Editora Expressão Gráfica, 1996.